

# “Capitalizar juros, a saída”

por Cecília Costa  
de São Paulo

O secretário de Governo de São Paulo, Luiz Carlos Bresser Pereira, crê que o Brasil perdeu a possibilidade de continuar a apresentar superávits comerciais de US\$ 10 bilhões e US\$ 12 bilhões ao ano, porque não existe mais capacidade ociosa na economia. Os próximos superávits deverão oscilar entre US\$ 5 bilhões e US\$ 6 bilhões, o que faz com que o País deixe de poder arcar com o pagamento integral de juros.

“Os credores vão ter de entender essa nova realidade e conceder dinheiro novo, pois senão a saída será a capitalização parcial dos juros, que já foi inúmeras vezes defendida pelo governo brasileiro”, disse Bresser Pereira, que participou ontem de painel de debates durante a Conferência Internacional sobre a Dívida Externa dos Países em Desenvolvimento, no Centro de Convenções Rebouças.

O secretário de Franco

Montoro, no entanto, é contrário à tese de moratória no pagamento da dívida externa. “totalmente absurda”. A postura brasileira, a seu ver, deve continuar sendo a de negociação. Outro participante brasileiro do painel de conferências, que enfocou o “Contexto Político do Confronto entre Devedores e Credores”, foi o senador Fernando Henrique Cardoso, que também não é favorável à moratória, mas não a descarta, caso os credores privados e oficiais do Brasil não aceitem dois postulados básicos: o País não pode entrar novamente em recessão e também não pode aceitar condições de pagamento que coloquem em risco a democracia recém-reconquistada.

## “CENTRALIZAR CÂMBIO”

Na opinião de Fernando Henrique Cardoso, antes da declaração de moratória unilateral pelo governo brasileiro, existem outras medidas que podem ser adotadas, como a centrali-

zação do câmbio e a suspensão de remessas de lucros. “O objetivo na questão da dívida não pode ser a suspensão total do pagamento, porque assim como a recessão essa postura na negociação também colocaria em risco a democracia”.

O compromisso brasileiro nas negociações, comentou ainda o senador, deve ser com a manutenção das taxas de crescimento, não sendo aceitável nenhuma imposição de maior corte no déficit público. “Obsessão com redução de déficit e inflação zero não faz sentido, principalmente quando os Estados Unidos têm o maior déficit fiscal do mundo.” Se for o caso de alguma obsessão, a do governador brasileiro deve ser diri-

gida para o crescimento e o avanço tecnológico, comentou.

## UNIÃO DOS DEVEDORES

Respondendo às observações sobre integração latino-americana feitas por representantes da Argentina, Cuba e Chile, que também participaram da análise sobre confronto político, o senador disse que no momento não existe nenhuma vantagem para o Brasil em termos de união de devedores, já que o México fechou seu próprio acordo em separado, assim como a Argentina e o Uruguai. “Vamos ter, portanto, de jogar nossas próprias cartas na mesa”, afirmou. A suspensão total no pagamento da dívida, para Cardoso, é antes de mais nada



**Luiz Carlos Bresser  
Pereira**

uma questão política que traz implicitamente a idéia de uma revolução socialista no Brasil, absolutamente fora da realidade política e social do País.